

O ANJO DO RIO

Aqui onde eu vivo há um rio. Um daqueles rios que é preciso atravessar todos os dias entre a casa e o trabalho, um rio que se transforma muito depressa numa parte integrante de cada um de nós. Chama-se o rio Connecticut, e é largo, quieto, com margens de areia, e barcos no meio, e árvores até perder de vista dos dois lados. A ponte que passa sobre o rio também é larga, e alta, com uma vista suave aberta para ambos os lados.

A outra coisa que é preciso esclarecer é que este fim-de-semana foi o fim-de-semana do Thanksgiving, provavelmente o feriado mais fervoroso e poderoso da América, certamente a única altura em que o País inteiro pára mesmo, e as famílias enfrentam as maiores complicações deste mundo para conseguirem reunir-se e comer o famoso peru, aquele que nos filmes vem inteiro para a mesa (na vida real a gente mostra-o aos convidados e depois trincha-o na cozinha; a operação dura cerca de meia hora e é muito propensa a deixar nódoas por todo o lado). O Thanksgiving é também o símbolo de uma outra manifestação vital muito importante: marca o início das festividades natalícias, o momento em que se acendem as luzes públicas de decoração das ruas e as luminárias privadas de natalização alucinogénica das casas. É um momento pontuado por saldos assombrosos, anúncios entusiásticos aos ditos saldos, o pontapé de saída para o ritual da compra dos presentes.

Daqui até 25 de Dezembro, nunca mais nos deixarão esquecer-nos: é Natal.

E, na quinta-feira que assinala o feriado do Thanksgiving, de repente aparece uma árvore de Natal a flutuar no rio Connecticut, mesmo junto à ponte. Uma árvore de Natal autêntica. E muito grande. Instalada sobre uma plataforma que deve dar imenso trabalho a montar, todos os anos, sempre no mesmo dia, sempre com a precisão desumana dos grandes relógios cósmicos. Como se isto não bastasse, quem instala aquilo tudo tem que ir fazer a instalação à noite, porque nunca ninguém viu o obreiro da aparição. E, nesta altura do ano, à noite já está mesmo muito frio.

E, depois de a árvore estar instalada, todas as noites acende gambiarras douradas, esteja a nevar, esteja a chover, esteja uma noite quieta de gelo a velar sobre as águas cristalizadas do rio.

O obreiro da aparição dá-nos uma visão diurna, e uma visão nocturna.

Todos os anos.

Ninguém sabe quem ele é. Deve ser um anjo. Um daqueles seres muito raros que sabem que vemos um símbolo só nosso aparecer todos os anos, no mesmo sítio, à mesma hora, e acenar-nos de dia e a iluminar-nos de noite — os anjos sabem que estas coisas etéreas nos fazem felizes.

Ninguém paga ao anjo.

Ninguém pode agradecer ao anjo, porque ninguém sabe ao certo quem ele é. Já circularam várias versões diferentes. O anjo não quer revelar-se, porque a sua recompensa é a sabedoria silenciosa de que o nosso coração bate sempre um bocadinho de nada mais depressa da primeira vez que vimos a árvore.

Já quase nos tínhamos esquecido, porque há tantas chatices quotidianas para despachar quotidianamente que às vezes não temos tempo para nos lembrarmos do espírito das festas.

Mas é para isso que existem os anjos.

ALERTA!

Preciso de avisar-vos, desde já e com a devida urgência: estamos em vias de nos vermos abuptamente desapossados de um dos nossos símbolos mais intrínsecos, mais doces e mais maravilhosos.

O burro.

Portugueses, não estou a gozar convosco. E isto não é uma metáfora. É verdade, é grave, e carece de consideração urgente. O burro, o propriamente dito burro, o nosso milenário burro está em vias de extinção.

Estou mesmo a falar do animal teimoso e resignado e de olhos doces que zurra, come palha, tem umas orelhas muito grandes e quatro patas que chegam ao chão (porque se fossem só três o burro era coxo, ah ah). O animal que segundo a lenda participou nas cruzadas e ficou com a cruz de Cristo marcada nas costas. O animal que Jesus cavalgava quando entrou em Jerusalém debaixo das palmas enganosas do Domingo de Ramos. O animal que animava os passeios aristocráticos das meninas exemplares da condessa de Ségur e o mesmíssimo animal em que as arquetípicas mulheres de preto do arquetípico *poster* turístico português se dirigem para a lavoura de manhãzinha. Um dia destes, se ninguém fizer nada, esse animal que é uma parte tão integrante da nossa História e da nossa paisagem cultural e geográfica, esse símbolo, esse paradigma, esse elemento crucial do património mediterrânico, poderá de-

saparecer sem deixar rasto. Os nossos netos nunca o ouvirão zurrar à distância quando forem dar passeios ao campo. Se ainda existir campo, nessa altura.

A lógica por trás deste extermínio não podia ser mais linear na sua conformidade impecável com as leis da economia do mercado. O burro não é um animal selvagem. É um animal doméstico, e foi pacientemente apurado ao longo dos séculos para cumprir fins muito específicos. Foi criado para besta de carga. Para transportar as tais mulheres de preto para as tais lavouras e para puxar pelas bermas aquelas carroças transbordantes de erva sem as quais não se sabe que pano de fundo teria animado a maturação do romance português. Mas as mulheres já não se vestem de preto assim tanto como isso. E agora têm tractores, ou camiões, e chamam as maridos quando o almoço está pronto através de telefones celulares. Este Natal, as minhas irmãs e eu resolvemos dar um burro de presente à nossa mãe. Uma senhora lá da aldeia, que ainda veste roupas escuras e ainda tem um burro em que se monta para ir para a lavoura, e que já viu muita coisa na vida mas nunca vira ninguém receber burros com laçarotes vermelhos ao pescoço pelo Natal, arregalou os olhos de espanto e confrontou-nos com a frase que resume tudo: **«Mas para que é que ela quer um burro? Então ela não tem um carro?»**.

Pois foi, e quase foi preciso virar o País do avesso para encontrar um burro para venda. Espantoso, não é, uma coisa que a gente parte do princípio de que aparece por geração espontânea onde quer que haja meio metro quadrado de erva livre. Finalmente desencantámos um no Alentejo (a aldeia é no Ribatejo, só para dar uma ideia da dimensão da busca). Já tinha dois anos, estava completamente escanzelado, faltavam-lhe tufos de pêlo aqui e ali. Era óbvio que não tivera uma infância feliz. Não existem criadores de burros. Ninguém guarda burros em casa se já não precisa deles para trabalhar. Um burro sempre ocupa algum espaço, sempre apresenta algumas exigências de manutenção, levanta mais problemas logísticos que um cão (que, ao contrário dos burros, ainda serve para muitas coisas, nem que mais não seja para fazer companhia às crianças e às famílias citadinas, e pode vender-se no espaço restri-

to de uma vitrina de centro comercial), não tem exactamente o estatuto imperial do cavalo (que também já não servirá como meio de transporte mas teve a sorte de se qualificar para as olimpíadas e coisas glamourosas desse género), e não possui a auto-suficiência absoluta dos gatos, ou, por maioria de razão, dos ratos. A situação do burro atingiu uma gravidade tal que a União Europeia criou fundos de apoio especiais para quem deseje perpetuar a existência deste elo modesto mas tão punjente da nossa cadeia civilizacional. É verdade. A minha mãe já candidatou o burro dela a uma destas bolsas.

Pelo amor de Deus, acordem. Não podemos deixar desaparecer o nosso burro. Mesmo que queiramos ver o mundo de uma óptica exclusivamente materialista, o burro ainda podia servir para puxar carroças com crianças nas feiras de diversões, para familiarizar os filhos do betão com o pêlo dos animais nos parques e nas reservas, para carregar turistas nos passeios ecológicos que agora estão cada vez mais na moda, e isto são só sugestões preliminares. O burro tem um lugar vital no nosso mundo, um lugar que é dele por pleno direito. E eu, pelo menos, não quero ter que vir a viver num mundo sem burros.